Para todos...
n. 699
Rio de Janeiro 7 de maio de 1932 1$50

O PAVOR DA NOITE QUE NÃO TERMINA

TOSSE ? BROMIL

Para todos...

DIRECTORES

ALVARO MOREYRA E OSWALDO LOUREIRO

ASSIGNATURAS

1 ANNO — 75$000

6 MEZES — 38$000

RUA DO OUVIDOR 181 — 1.º

END. TELEGR.: "PARATODOS"

TELEPHONE: 2-9654

NA
2.ª EXPOSIÇÃO PECUARIA
DE PETROPOLIS

O bello cavallo "Janota" — de propriedade da Senhora Nair de Teffé Hermes da Fonseca — 1.º premio de animaes de sella.

Para se ter dentes bonítos, basta usar líquído "Odol" com "Odol" pasta.

O *liquido Odol* penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e deste modo combate a causa da carie.

A *pasta „Odol"* torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).

Mulhersinha

ALVARO
MOREYRA

TODAS as manhãs, no mesmo bonde, ella é minha companheira de viagem até ao Largo do Machado. Vae para o collegio. Senta-se no primeiro banco, de frente para os outros passageiros. Traz um geito de fadiga nos olhos, na bocca. Parece distrahida. A' criada, que a acompanha, entrega, displicente, uma das mãos. Na mão solta leva sempre rosas. E' engraçada assim, com o seu rosto de grande sobre o corpo quasi sem curvas, mettido no uniforme escolar, azul, branco, tons de vermelho no peito e na cintura. Os cabellos côr de fumo claro mal se mostram debaixo de um chapéo de palha negra, abas largas.

Deante della, não sinto em mim o maravilhoso prazer que me dão, através dos oculos, as creanças, bonitas ou feias, bem vestidas ou esfarrapadas. Não seria capaz de tratal-a com intimidade. Não poderia chamal-a de "minha filha". "Minha filha" para essa pequena tomava, com certeza, uma expressão muito distante de paternal.

Tão preoccupada, tão tristonha, tão vivida!...

Que mulher terá sido essa menina?

ROMANTISMO

Desenho de Covarrubias

A FESTA DA POLYCLINICA NA QUINTA DA BÔA VISTA

DOMINGO, o velho parque imperial teve um dos seus grandes dias. O dr. Belmiro Valverde e os seus auxiliares incansaveis da Polyclinica, organisaram uma linda festa em beneficio da instituição que todo o Rio venera. Aqui estão dois grupos de encantadoras "vendeuses" com o Floriano lá em cima.

POEMA

FRANCISCO CAMPOS

Sereno e quente e oleoso o mar azul te espera,
e sobre o azul do mar a luz depõe o pasmo e o esplendor do dia...
Quando á beira do mar, do teu corpo desabrocha a primavera,
do mar e o dia, do azul e a luz, no dialogo da sua melodia,

distinguir as humidas caricias não consigo...
Quando na areia, do teu corpo resplandesce o trigo quente e louro,
a velha luz se aquece e escorre no teu corpo e o azul e sereno mar antigo
a tua pelle estampa, com a saliva amarga, de sal, de luz e de ouro...

Quando, dourada de sal e luz, do mar azul surgiste,
o teu corpo, com o remo das mãos, abria um liquido sorriso sobre o mar severo...

quando, porém, velaste o corpo, tornou-se o mar azul sereno e triste,
e, como sobre os vingativos mares de Ulysses e de Homero,

sobre o seu azul passaram sombras de pezar e de volupia amarga,

resentimentos, ameaças e presagios...

FLORIANO PEIXOTO

Alumnas e alumnos da Escola Floriano na festa em homenagem ao seu Patrono

O sem trabalho

por Guilherme Wodlí

UM ar gelado fustigou-lhe o rosto quando desembocou da estação do "metro". Com a gola da capa de gabardine levantada, as mãos nos bolsos, um jornal debaixo do braço, elle se dirigia a passos apressados para a séde da sociedade dos cozinheiros de Paris, 30, rua da Sourdiére.

Ao passar diante da "Coquille" encontrou um collega, sem trabalho como elle:

— Olá, Adolpho, como vaes? Que vens fazer por aqui a esta hora?

— Tudo vae bem, venho procurar meio de vida.

— Estás brincando, tu não precisas... Trabalhas no "Lutétia", não é?

— Não, deixei hontem de noite.

— Já estavas lá ha tanto tempo! Dois ou tres annos, não é?

— Quasi tres annos; que queres, é preciso variar um pouco, não se póde ficar sempre na mesma gaiola.

— Mas, sahiste por vontade propria, ou te despediram?

— Ah! não fui posto na rua, mas comprehendes é sempre a mesma coisa; é inverno e não se embaraçam por nossa causa. O sub-chefe não gostava de mim porque uma vez, no verão, tivemos uma questão, e hontem elle se aproveitou de eu não estar no meu posto para me reprehender. Discutimos e, bem sabes, que nesta estação não é preciso mais do que isso.

— Ora, não tinha importancia, fizeste uma tolice, saindo expontaneamente, porque, meu velho, as coisas não estão bôas. Ha quinze dias que eu não faço nada, nem um extra...

— Eu não me preoccupo. Dou-me muito com Guerot. Todas as vezes que recorro a elle, incontinente arranjo trabalho; e depois, sabes tão bem quanto eu, ha typos que procuram trabalho dormindo. Não sabem agir. Eu acho que um bom operario não fica muito tempo sem trabalho; a questão é querer.

— Hum, vaes vêr!

E separaram-se.

*

A porta do vestibulo que dava para o escriptorio da agencia de empregos estava aberta, deixando entrar a longa fila dos sem trabalho. De todas as idades, moços, crianças quasi de 15 a 16 annos, velhos de 50 a 60 annos, tinham vindo todos em busca de trabalho, um extra de um dia ou um logar fixo. Todos com a mesma attitude, o chapéo ou o gorro na mão, o olhar triste percorrendo os objectos do escriptorio, para, invariavelmente, parar no agente installado na extremidade da sala. Estariam entre os felizes que trabalhariam naquelle dia? Quaes seriam os eleitos entre as centenas de convocados? Quaes seriam as cabeças que voltariam diante daquelle typo?

E lentamente, um por um, os sem trabalho se engolfaram na sala de espera.

A confiança de Adolpho se alterou um pouco ao ver a massa dos sem trabalho e toda a sua segurança desappareceu quando, intimidado, tomou logar na fila. Agoniado, approximou-se do agente. Todos os que tinham desfilado, foram para a sala de espera sem boletim. Iria ter mais sorte do que elles?

Quando pronunciaram o seu nome, Adolpho se curvou ligeiramente para ouvir melhor as palavras que o outro poderia lhe dirigir. Mas o agente, não se preoccupava com amizades tão pobres, e já voltára a cabeça: "Ao seguinte".

*

Comprimidos como arenques, uns em pé, outros sentados, os sem-trabalho esperam na sala de espera. Alguns discutem acerbamente, outros sem enthusiasmo. Conhecidos se encontram, trocam recordações, descrevem com força e detalhes as peripecias do trabalho em tal "pensão de artistas" ou em tal "pensão familiar".

Cada vez que a porta do escriptorio se abre diminue a algazarra. Si são novos sem trabalho examinam-os um instante e depois a discussão recomeça. A's vezes, nos máos dias, nenhum sem trabalho entra. Nesses momentos o silencio é completo, glacial. Póde-se ouvir uma agulha cahir. Os que ha muito estão sem trabalho, necessitados, prendem a respiração. Todos têm os olhos anciosamente fixos na porta aberta de onde o agente, com olhos de abutre, percorre a assembléa, parando nuns, ignorando outros.

Um nome resôa, dois, ás vezes tres ou mesmo quatro. Os sem-trabalho chamados se erguem apressados, abrem caminho até á porta e desapparecem.

A elles, vão mandar trabalhar... Tarifas de salarios, condições de trabalho não existem mais. Os patrões não ignoram que ha centenas de sem-trabalho, e sabem aproveitar. Os agentes os ajudam as realisar os intentos. A ameaça de longos mezes de falta de trabalho, a desgraça do dictador fazem muitos operarios aceitarem condições humilhantes.

Aqui, o favoritismo existe assim como o encorajamento dos instinctos vis e egoistas e os dirigentes da sociedade exercem ha muitos annos uma influencia nefasta sobre toda a corporação. Adolpho sabia bem, mas que fazer, quando se precisa passar por elles?

Aproveitou a sahida de um collega que foi tomar ar na rua, para se installar no banco junto da porta. Assim Guerot seria obrigado a vel-o quando viesse chamar "os favorecidos" do dia.

Os minutos passavam lentamente. De tempos em tempos, Adolpho lançava um golpe de vista para o relogio pulseira do visinho.

Dez horas menos um quarto! A sala de espera começa a se esvasiar, os logares va-

sios nos bancos tornam-se numerosos. Os iniciados não ignoravam que "não havia mais esperanças" naquelle dia. Mas não sabendo onde ir ficavam lá, esperando.

A's dez horas, Adolpho dobrou o "Petit Parisien" e partiu. De passagem inspeccionava os bars. Entre os consumidores podia estar algum ricaço conhecido! Mas só via caras desconhecidas.

Desapontado dirigiu-se para o "metro". O vento não soprava mais, porém machinalmente, levantou a gola da capa de gabardine.

*

No dia seguinte de manhã, foi um dos primeiros que chegou ao escriptorio de empregos. Estava ainda fechado. Fazia frio. Uma chuva fina e penetrante cahia sobre os sem-trabalho reunidos. Adolpho, encostado ao muro, tiritava. Naquella noite, dormira mal, o espectro dos desempregados lhe tirára o somno. Levantára-se pela madrugada. Não ousara contar as apprehensões á mulher; andava doente e com certeza lhe fariam mal. Descrevera-lhe apenas a situação com traços optimistas. Em geral, evitava levar a palestra para esse assumpto, que não lhe era agradavel.

Foi inscripto em quarto logar, mas, não adiantou nada, o agente não lhe testemunhou nenhuma attenção particular. Profundamente desencorajado sentou-se no banco da sala de espera. Abrira o "Petit Parisiense" mas sem poder lel-o. Os olhos saltavam de um titulo para outro, lia uma palavra aqui, percebia um annuncio em letras grandes acolá.

A chegada continua de sem-trabalho o desanimou um instante. Chegaram muitos e dentro de pouco estavam apertados como na véspera. Parecia mesmo que o numero augmentára.

Ao lado delle conversavam. Teria preferido não ouvir o que diziam, pelo menos quizera crêr exageradas as confidencias. Mas, por desgraça pareciam terrivelmente veridicas.

— Si continua assim, dizia um, vou mudar de profissão; ha tres invernos que me vejo nesta situação. Nos outros annos a coisa ainda andava, minha mulher trabalhava, mas agora com o garoto não é a mesma coisa; não posso me dar ao luxo de só fazer extras durante cinco mezes!...

— Eu todos os invernos ia á Côte d'Azur, e este anno nada. Não ganhei nada no verão, e o inverno promette ser peor do que nunca.

— Si ao menos eu e minha mulher fizessemos qualquer coisa, cada um para seu lado... mas da maneira que vamos, terminaremos morrendo de fome. Tens que te metter num club sportivo ou numa união musical, para conseguires com que comer. Os que lá estão nunca ficam sem trabalho. Ou então conseguir um record qualquer de vez em quando, ou vender muitas entradas para o baile do Continental; mas qual o cosinheiro que póde chegar a essas coisas? Algumas altas estirpes, patrões, e...

"Elle" apparecera na porta. Fez-se silencio. Dois sem trabalho foram chamados. Eram os ultimos do dia.

*

Dois mezes haviam passado desde o dia em que Adolpho viéra com a firme esperança de obter um talão de trabalho. Sahiu, nesse dia, desanimado; e todos os dias que se seguiram foi a mesma coisa, com excepção de um em que teve um "extra". Apenas da decepção do primeiro dia passára á anciedade e da anciedade ao desespero. As magras economias tinham acabado, a mulher ia cada vez peor. O dono do quarto reclamava o aluguel! A calma de espirito cedêra logar a uma tensão nervosa aniquillante.

Vendo-se acuado pela miseria quiz tentar uma ultima possibilidade para sahir da situação difficil em que se encontrava.

Nesse dia ás 8 horas e 1|2 da manhã, deixou o logar na sala de espera e voltou ao escriptorio. Parou diante do agente e olhou-o fixamente com os seus olhos negros e brilhantes. Não tencionava ultrapassar os limites da polidez para expôr as suas miserias, mas sem querer, tornou-se accusador. As suas palavras, apressadas e desordenadas tomavam um aspecto de requisitorio. O olhar penetrante, a face macilenta e crispada, os cabellos negros e muito longos lhe davam um aspecto ameaçador.

O agente viu que era preciso não irrital-o; mas não querendo parecer impressionado, respondeu com uma vóz hypocrita:

— Está bem, vá se sentar, eu o chamarei si houver trabalho.

Mas Adolpho insistiu. O outro, vendo que só conseguiria se impôr, com uma attitude inesperada, falou-lhe energicamente. Foi como uma ducha sobre o pobre. O seu arremeço serenou. Abatido, voltou para a sala de espera. O logar que deixára vago estava occupado; foi um instante até a rua para se acalmar. Toda a sua vontade se enfraquecera. Não acreditou nos seus ouvidos quando vinte minutos mais tarde, Guerot interpellou-o atravéz da janella de grades de ferro.

Emfim trabalho...

Era um logar estaval no "Cardinal". Não pagavam muito bem, mas não fazia mal, servia para passar o inverno! Já eram mais de 9 horas, precisava ir ligeiro. Parecia-lhe que nunca encontrára as ruas tão cheias de gente para impedir-lhe de caminhar. Sem se preoccupar com os agentes e com os automoveis atravessava as ruas e as praças. Chegou emfim.

Ao primeiro garçon que andava no terraço perguntou onde ficava a entrada da cosinha. Esse, com indifferença, indicou-lhe o fundo da sala.

Passou pelo gerente, que lançou um olhar ao relogio e seguiu-o sem dizer nada.

Chegando á cosinha Adolpho perguntava onde era o vestiario, quando o chefe da cosinha que acabava de subir do sub-solo, falou-lhe com violencia:

— Que é? Só agora que chega? E' muito tarde para trabalhar hoje, volte amanhã.

Adolpho protestou com bons modos:

— Mas, chefe, não podia ser de outra fórma, ha apenas 10 minutos que me disseram para vir. Corri directamente para aqui.

— Que quer que eu faça! Pedi um empregado ás 8 e 1|2, portanto o senhor devia estar aqui á hora. Repito-lhe que para hoje já é muito tarde, trate de chegar á hora amanhã.

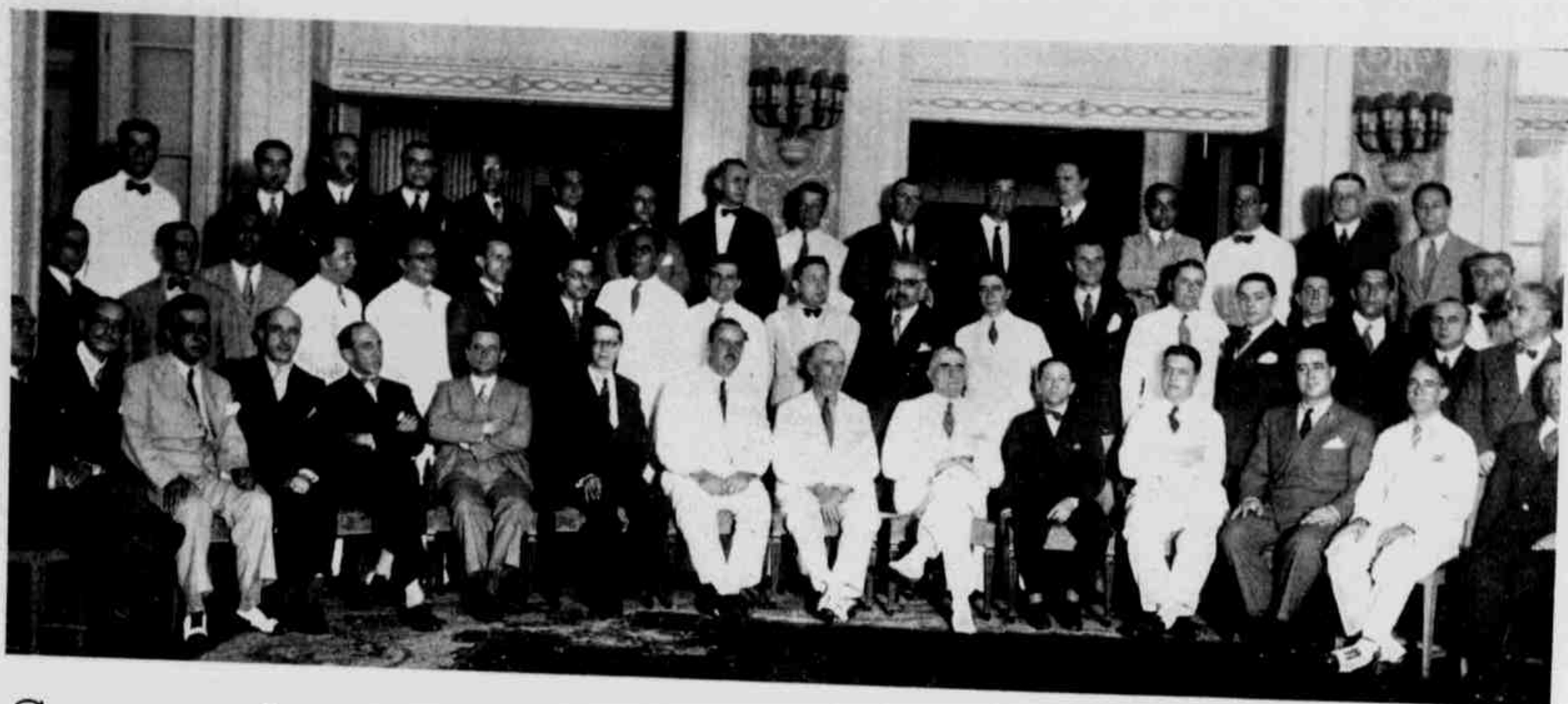
Adolpho não quiz se dar por vencido e recomeçou a protestar.

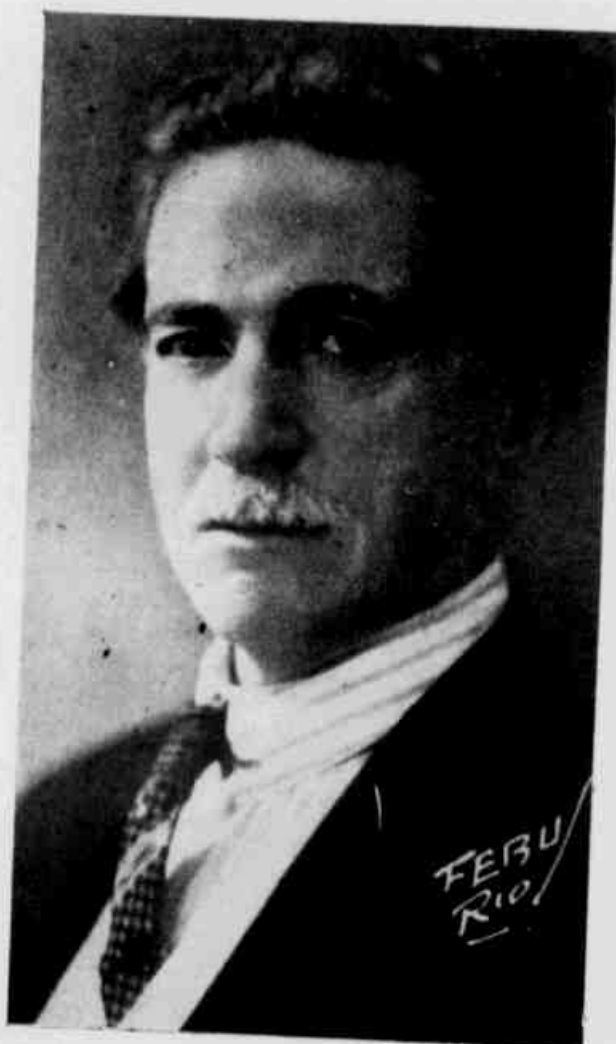
Não vira o gerente que, desde que chegára estava atraz delle; ia pagar caro por ter querido contradizer um chefe de cosinha, vigiado pelo patrão.

— Que é que ha? Cale-se. Já que não está satisfeito, não precisamos dos seus serviços: Chefe, prohibo-o de tomar este cosinheiro.

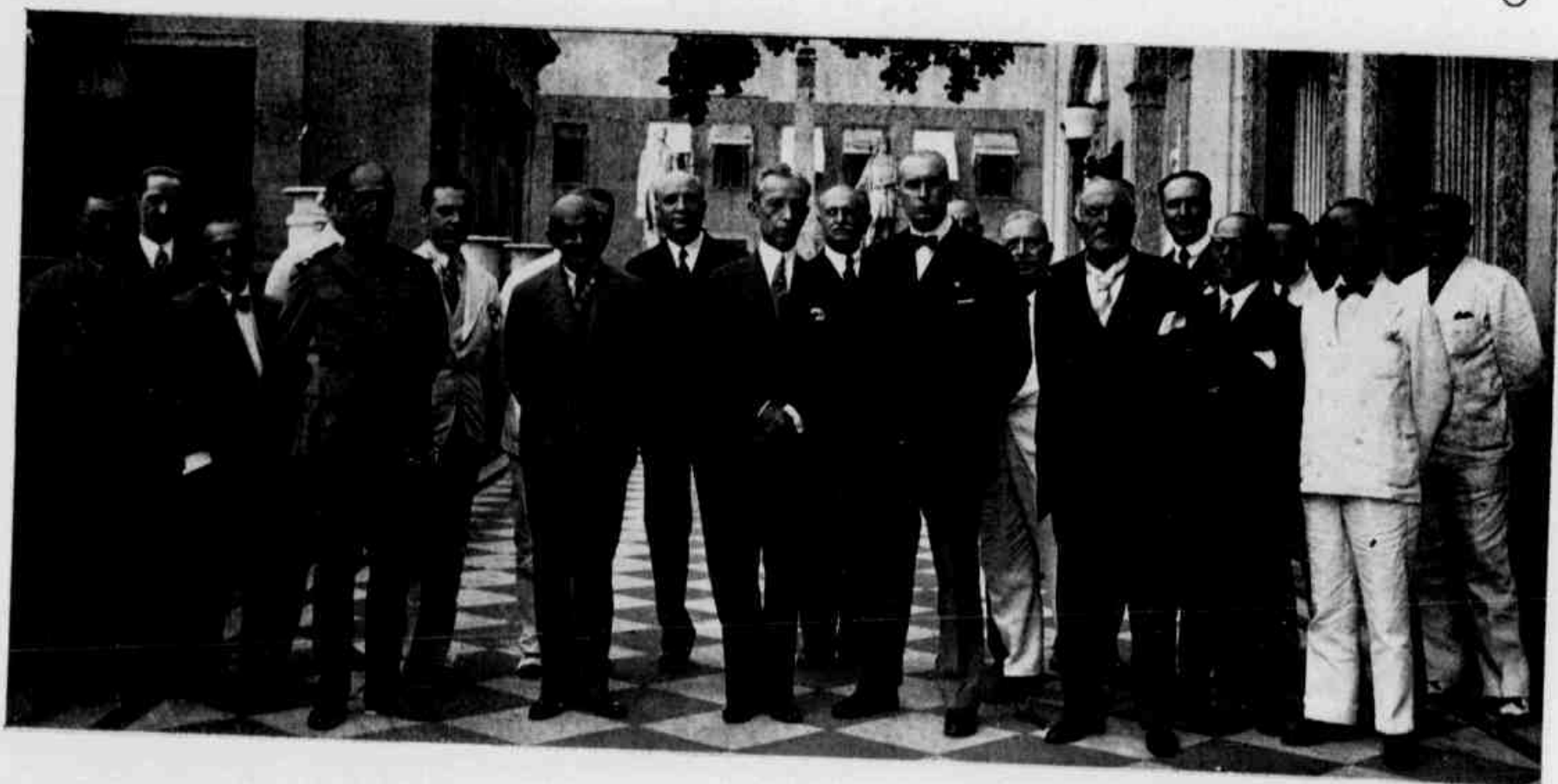
E deu as costas deixando o infeliz sem saber mais onde estava.

NOITE "PARA TODOS..."

Na Radio Sociedade Mayrink Veiga, quinta-feira da outra semana. Da direita: Victoria Bridi, Tito Saza, Pereira Filho, Madeloude Assis, Paschoal Carlos Magno, Mastrangelo, Nenê Barukel, Luis Martins, Augusta Soares Monteiro, Dante Costa. Faltam na photographia, porque sahiram antes della ser batida, Carmen Miranda, Josué e Alberto de Barros. Todos encheram o programma da quarta "Noite Para todos..."

Seraphim Valandro

No Automovel Club antes do grande almoço que as classes conservadoras offereceram ao Presidente da Associação Commercial. Nesse almoço, o dr. João Daudt de Oliveira, saudando o sr. Seraphim Valandro, fez importante discurso.

Dr. Manoel Bomfim, historiador, sociologo, mestre da intelligencia moça do Brasil, fallecido nos ultimos dias de Abril.

No Itamaraty

Primeira reunião do comité que organisa as homenagens do Brasil a Garibaldi e Annita.

Episodios

Odilon Jucá

O escriptor Christovão de Camargo, que é o general Góes Monteiro da literatura nacional, chegou de nova viagem aos paizes do sul e deu mais uma entrevista aos jornaes.

Não li a "interview". Tive della conhecimento por intermedio do chronista magistral que a commentou no "Diario Carioca", no rodapé habitual da primeira pagina. Mas fiquei sabendo bem do que se trata.

O escriptor Christovão de Camargo falou sobre as condições economicas dos homens de letras do Prata, affirmando que muitos delles já vivem da sua literatura. O chronista a que alludimos citou, por sua vez, um exemplo francez, e deste paiz poderia citar uma dezena delles.

O que importa, entretanto, de taes commentarios, é a opportunidade que elles dão para que se fale aqui, mais uma vez, da precaridade economica dos literatos brasileiros.

Como todos os que entram no assumpto, eu me sinto tentado a lembrar os esforços vãos do sr. Monteiro Lobato no sentido de diffundir o livro nacional. E' que o sr. Monteiro Lobato, neste particular, é uma recordação amavel tão acariciada quanto o ultimo fio de cabello de um caréca... Elle lutou sozinho contra a indifferença geral, contra as distancias, contra os mil abusos e negociatas aduaneiros. Desses factores, o das distancias é importantissimo. Nelle está o estimulo á preguiça de pagar dos vendedores de livros do interior; com elle se explicam as procrastinações de ajuste de contas do distribuidor, aqui e em S. Paulo, com os autores de qualquer maneira indefesos.

Os escriptores nacionaes têm um publico mais numeroso do que se suppõe e affirma. O que lhes falta é o sentido pratico da vida. Com esse sentido pratico o sr. Coelho Netto seria um grande escriptor, porque em vez de dezenas de obras chinfrins que publicou, teria composto apenas meia duzia de livros admiraveis (elle, que tem tido meio seculo de vida exclusivamente dedicado ás letras), mais do que sufficiente para firmar o seu talento de excepção, e para garantir-lhe o prosaico e indispensavel pão quotidiano.

Mas os nossos belletristas têm vivido num mundo chimerico. Só agora começam elles a perder o sagrado horror physico que propositadamente, por pudor mental, punham na comprehensão das coisas materiaes. Alguns já não se pejam de revelar os seus discretos conhecimentos do mecanismo da emissão e cobrança de uma cambial qualquer: promissoria, duplicata ou saque...

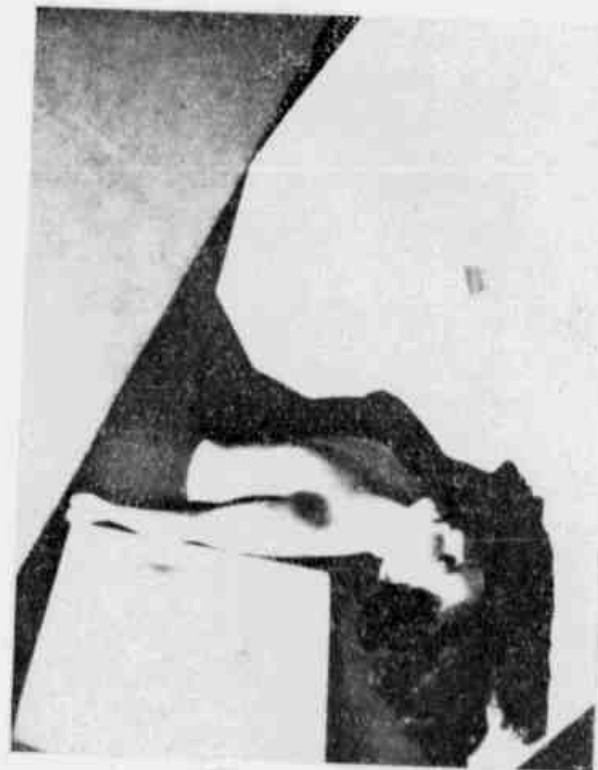
O sr. Benjamim Costallat é um exemplo desta benefica evolução. E' o editor de si proprio. Vende as suas edições a quem mais der, e ali, na exacta! Originaes de outros autores passaram a interessar-lhe tambem commercialmente. Uma conclusão facil para quem é intelligente e que encontrou a melhor maneira de collocar os seus proprios livros.

No momento, o autor de "Katucha" é um editor dynamico e de faro, que alarga cada vez mais a sua visão. A sua "Bibliotheca Benjamim Costallat" cresce semanalmente. E, sem nenhum deslustre para as suas prendas intellectuaes, fez-se ostensivamente, estabelecido com livraria no edificio do Theatro Carlos Gomes, honrado commerciante desta praça.

Só mesmo assim.

Eu posso citar alguns episodios que justificarão aos olhos dos espiritualistas puros a razão de Benjamim Costallat. Certa vez um editor solicitou a minha presença no seu escriptorio, para negocio. Fui. Elle desejava, apenas, que eu vertesse do francez para o portuguez as 692 paginas compactas de "Le Deluge", de Sienkiewicz. Fez-me então os mais commoventes protestos de sympathia, o que justificava o preço excepcionalmente generoso que me offerecia pelo trabalho: 250$000. Rejeitei delicadamente a proposta, mas dizendo, com franqueza, o que delle pensava. O livro foi traduzido. Não li a traducção. Mas fui informado de que "O Diluvio" que anda por ahi, mesmo em numero de paginas só tem metade do que Sienkiewicz escreveu.

Outro facto. Ha dias um outro editor propoz ao escriptor Jorge Jobim a traducção de uma obra de mais de mil paginas. E depois de assegurar a este brilhante homem de letras que o havia convidado para fazer tal trabalho por desejar uma traducção perfeita, e patati-patatá, fez-lhe ver que não podia pagar mais de 400$000. O sr. Jorge Jobim retirou-se sem cumprimentar. Pois esse mesmissimo editor, que não desconhece que a traducção é autoria para effeito de propriedade literaria, fez uma tiragem aqui de "Salambô", de Flaubert, cujo traductor, o escriptor lusitano João Barreira, tem herdeiros que vão agir judicialmente. Quanto a "Crime e Castigo", de Dostoievski, fez melhor. Pegou da excellente traducção de D. Carolina Michaelis e mandou-a para a officina de composição. Quando o livro chegou ás livrarias trazia o nome do traductor responsavel: Yvan Petrovitch.

O leitor não conhece o nome aureolado de Ivan Petrovitch? Conhece, sim. E' um actor de cinema...

GYMNASTICA RYTHMICA

(Photo Alban)

Noite differente

Dante Costa

O céo estava triste naquella noite. Triste do abandono das estrellas, que haviam fugido delle pra outras paragens mais longe...

O silencio da terra mostrava a hora do descanso.

Vinha um cheiro forte de cravos e de rosas dos canteiros modestos do meu jardim.

Mas, na sala, o rôxo já tinha caido sobre nós como um cumplice amavel...

Eu fechei os olhos, devagar.

Ella ia subindo a ladeira ingreme, deserta, escura como breu. De vez em quando tropeçava e cahia. E continuava. As correntes dos pés, que o rei havia mandado ligar, quasi não lhe permittiam o passo meudo.

Mas ella avançava, superior a todas as torturas.

O vento puxava os seus cabellos pra traz, machucando e contrariando aquelles cabellos tão louros que são uma bandeira bonita que nenhuma nação tomou. Ella estava branca. Dessa brancura que lembra suavidade e satisfação de todos os bons projectos...

Então eu me virei e minha cabeça mostrou dois riscos brilhantes descendo da fronte. Mas logo senti que elles morriam. Qualquer coisa muito leve por alli, uma caricia branda, um contacto macio me deixando na face uma doce serenidade...

Estava doendo em mim a dôr de não poder acabar com o vento raivoso que embaralhava seus cabellos. Ella andava tão triste que eu quiz ser um Deus todo poderoso pra poder annular aquelle soffrimento. Iria cortar as correntes de ferro que feriam seus pés. Faria aquella bola ir rolando, rolando, numa fuga grotesca. Juntaria todas as estrellas vadias dos outros céos, collava-as bordo com bordo, e, com aquelle sól feito por mim, havia de illuminar toda a paysagem terrena, a ladeira, os morros, as pedras, as arvores, escuras áquella hora da noite.

Mas eu nada podia fazer. E essa inferioridade evidente me enchia de vergonha e de raiva...

Ella agora estava chorando. Estava muito mais bonita do que quando me appareceu pela primeira vez, com aquelle vestido de desenhos vermelhos que pareciam uma multplicação milagrosa e ousada da sua bocca...

As lagrimas eram muito brilhantes, finas, medrosas. Mas se o rôxo já havia cahido sobre nós, porque as suas lagrimas eram assim tão claras?...

De repente ella parou e pedio agua. Eu sahi. Fui buscar. Eu tambem tinha sêde e meus pés tambem sangravam por causa das arestas asperas das pedras. Nem me importei com isso. Como tudo havia de me parecer bom se eu pudesse lhe minorar a dôr. As suas mãos brancas haviam de me louvar. Trouxe a agua. Ella bebeu e aquella frescura escorrendo na sua garganta lhe deu uma força nova. Eu sorri. Pela primeira vez. Ella me beijou com os seus olhos tão meigos e tão tristes. Mas logo quando voltamos a caminhar, o anniquilamento e o cansaço invadiram seu corpo. Seu corpo era fino, delicado, parecia uma haste envolvida na grossa camisa de algodão que lhe haviam obrigado a vestir. Pensei nos mil encantos daquelle corpo. Que só eu conhecia. Corpo harmonioso e perfeito, tão bonito como a sua alma...

Mas agora, só o supplicio dessa ascenção. Terrivel. Lugubre. Martirisante. Todos os phantasmas negros da expiação dansavam macabramente em sua volta. Os grilhões que seu passo arrastava arrancavam das pedras gritos de dôr.

Ella soffria.

Foi ahi que os soldados do rei appareceram rufando tambores na outra ponta da estrada. Lá em baixo. Na estrada que se estendia recta como uma fita desenrolada na planicie...

Então aquelle abatimento, a angustia, a pesada physionomia de desgraça que estavam no rosto della desappareceram quasi. Parou. Com a mão sobre os olhos derramou o olhar pela estrada na nossa frente. Estavamos no alto. E quando teve a certeza de que eram mesmo os soldados do rei as forças que lhe haviam fugido e abandonado vieram outra vez pro seu corpo.

— Lá vêm os soldados do rei!...

Gritou. Olhou para mim sorrindo e espantada com o sorriso. Experimentou movimentar o corpo, os braços, e se admirou de poder movimental-os sem soffrer. Pouco a pouco se transfigurava. Sorria. Numa esplendida resurreição...

O barulho dos tambores crescia e a massa se approximava.

Então ella falou que era a hora de terminar o castigo. Quando chegasse o momento, os soldados a viriam libertar. O rei dissera. Os soldados lá vinham, na cadencia vagarosa, no rythmo certo, na marcha pausada, ignorantes do seu coração que estava desrythmado, sem pausa, louco de anciedade.

Novamente o meu corpo se mexeu, inquieto. E a minha cabeça pousou sobre qualquer cosa muito suave, ligeiramente tepida, cariciosa como um braço de mulher que abraça...

A mesma satisfação me possuio. Agitado, escrevia agora largos acenos no ar. Eu chamava e queria contar o tempo. Minhas mãos inutilmente tentaram quebrar as grossas correntes. Impossivel. Só os soldados do rei, que já estavam alli, perto, cada vez mas perto.

Ella vibrava, na satisfação da liberdade. Tinha se transformado. Nem o cansaço, nem os soffrimentos, nem a tristeza. Agora sorria, e ria, e sorria. Agora é que estava linda. Muito mais linda. Assim alegre. Com as faces coradas, sem lagrimas nem sulcos, com a bocca vermelha cantando risadas.

Os soldados do rei vinham vindo.

E quando chegaram no alto, bem junto de nós, pararam ruidosamente.

Lanceiros se adiantaram. Homens fortissimos, muito mais altos e muito mais fortes do que eu, avançaram das filas. Nas mãos immensas vinham limas, ferros, serras, chaves. O commandante, de barba pontuda e couraça intransponivel, leu o pergaminho amarellado que os pagens tinham trazido no cofre de bronze. Leu em vóz baixa porque já era velho. Sua vóz suave vacillava e mal era ouvida mesmo no silencio que se fizera.

O commandante recontou tudo. Falou do duque, da sala do castello, da familia nobre dona de todas as terras e de todas as vidas dall. Palavras que eram dogmas que se gravavam na consciencia rudimentar dos soldados...

Depois foi o barulho das serras e das limas. As grossas correntes largaram os pés mimosos. Ella se vio livre. Livre. Livre. Respirou, com os braços altos e abertos como azas, respirou como se quizesse sorver todo o ar frio da noite...

A magia da liberdade. Ella estava livre, junto de mim, depois dos mezes terriveis do castigo. O deslumbramento inegualavel!...

Quando os soldados deram meia volta e marcharam pra cidade, o cansaço de tantos mezes, caminhadas e supplicios sem fim, gritou mais alto.

Ella sorrio sem forças, novamente. Sua cabeça de ouro voejante descansou no meu hombro como uma pluma que cahe.

Ella me beijou.

Mas agora eu via, sentia, e tocava o seu corpo.

Estava mais linda assim, bem perto de mim, me chamando e beijando.

Sorri espantado.

Encantado.

Mas agora sua carne já não era tão branca, nem meus braços tão morenos. As paredes silenciosas não tinham as côres de todos os instantes. A nossa janella verde apparecia arroxeada. O nosso abat-jour" novo pendurado no fio... Ah! o rôxo já tinha cahido sobre nós como um cumplice amavel...

CELIO PINHO

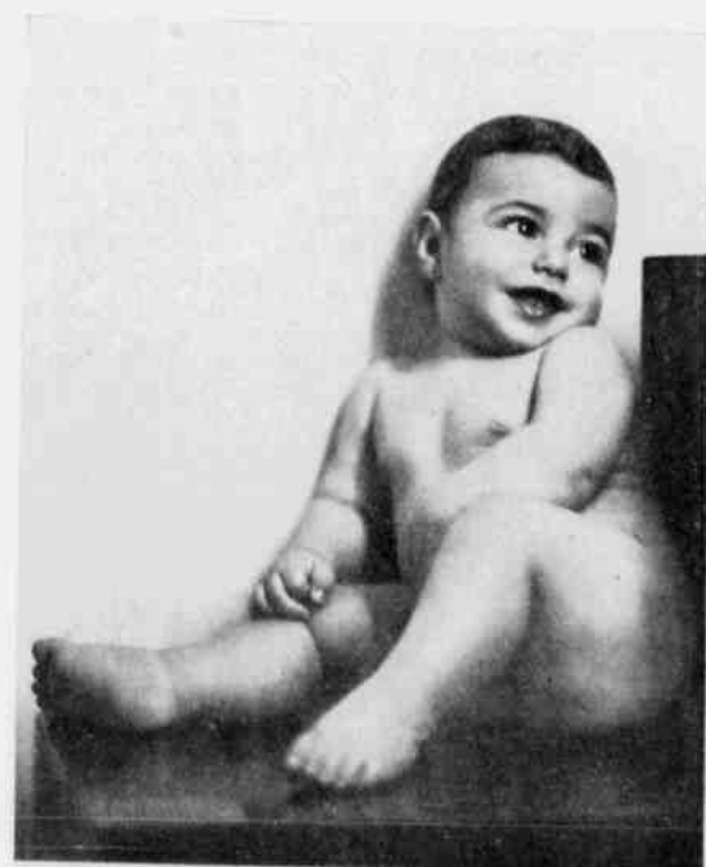
(Photo Chapelin)

Mario e Paschoal Luiz, filhos do casal Leão Christini

CREANÇAS DE S. PAULO

(Photographias de Cerri)

Jayme, filho do casal Jayme Wright

Ralph Le Roy filho do casal Bearden

Paulo filho do casal Salim Mahuy

THEATRO

R. MAGALHÃES JUNIOR

O theatro nacional está soffrendo uma séria crise — a crise de autores. Precisa de sangue novo. De intelligencias moças. Os velhos já estão se cansando. Sem o perceberem, escrevem de novo peças que elles proprios já escreveram ha annos. Repetem-se quasi automaticamente. Outros, para disfarçar esse cansaço, fazem pilhagens audaciosas na literatura theatral estrangeira. Quando apanhados em falta, desculpam-se com a simples declaração de que o delicto é menos delles que da empreza. Haviam feito uma mera traducção. Entretanto, para fugir ao pagamento, reputado excessivo, dos direitos autoraes do theatrologo estrangeiro, a empreza quiz que a peça fosse adaptada e representada como original...

Duplo crime de latrocinio. Primeiro, o furto literario, despojando o autor da sua gloria e dos applausos que lhe deviam caber. Depois, o furto pecuniario, a usurpação, em proveito proprio, dos lucros alheios, tão immoral e reprovavel quanto o primeiro. A Sociedade Brasileira de Autores Theatraes, que advoga os interesses dos autores estrangeiros, faz vista grossa a esses casos. Quando apparece um exemplo mais escandaloso, nomeia para apural-o uma commissão de syndicancia displicente que se dissolve antes de dar o seu parecer sobre a questão...

Muitos dos que começaram traduzindo hoje são autores consagrados. São raros os que continuam no seu papel de traductor, sem se enfeitar com as honras e sem embolsar o dinheiro de outros. O sr. Alberto de Queiroz é uma dessas excepções. Traductor honesto e brilhante, que não adultera o trabalho alheio, substituindo os nomes dos personagens, enxertando ditos da gyria e adaptando imbecilmente ao nosso meio geographico peças que não se coadunam com o nosso ambiente social.

Maria das Neves, Carlos Leal, Lopo Lauer, no dia em que chegaram ao Rio, com o representante da Empreza Paschoal Segreto

O poeta de Portugal Silva Tavares, que veio com a Companhia Maria das Neves-Carlos Leal

O theatro nacional reclama novos valores. Joracy Camargo é uma expressão victoriosa entre os nossos escriptores moços. Cada peça que escreve representa sempre um progresso. Sempre melhor. "O sol e a lua" foi uma comedia esplendida, que Croisset ou Coward não se pejariam de assignar. Outra figura que tem evidenciado magnificas qualidades é Henrique Pongetti, que já escreveu, com o mesmo exito, tres interessantes comedias, em estylo elegante, com humor, ironia e vivacidade. E' de gente assim que o nosso theatro está precisando.

E' necessario, porém, que se abram caminhos aos novos, que contam não só com o desinteresse dos emprezarios como ainda com a obstrucção dos medalhões. A apresentação de um trabalho de autor novo offerece difficuldades incriveis e, ás vezes, assume aspectos quasi tragicos. O que occorre no Brasil, tambem se dá em outros paizes. Commentando recentemente, no "Mundo Grafico" a situação do theatro hespanhol, Franco Castillo narrava as difficuldades em que tropeçam os autores novos, deante da pressão dos velhos, accrescentando: "No hay autores nuevos? Si, si que los hay; lo que ocurre es que los consagrados, dueños absolutos de las llaves que abren las puertas del reino de Talia, hanse convertido en fieles cancerberos, y no permiten al novel traspassar los umbrales de esas puertas." Como se vê, cá e lá o mesmo acontece...

Devia haver um pouco mais de estimulo para os novos. Muita vez, uma bella intelligencia poderá encalhar, desanimada, deante de uma imbecilidade obstructora, dessas que usam reboque e atrapalham o transito da cidade intellectual...

Das ilhas longinquas

TODOS nós já sonhámos com essas Princezas das Ilhas longinquas. Um verso celebre de Baudelaire lhes evocou a fórma e o mysterio. Todos nós imaginamos essas creaturas num scenario prestigioso de Loti, cheias de doce abandono, inteiramente entregues ao prazer de uma carne rija e perfumada como os fructos tropicaes que surprehendem o nosso paladar. Todos nós já amámos as secretas mulsumanas, as placidas negras de amplas cadeiras, as indolentes tahitienses coroadas de flores, tão orgulhosas dos seus corpos nús sob os longos cabellos. Diante do sorriso sybillino das dansarinas Khméres, o desejo deixava de existir. Ellas eram a imagem da Perfeição. E a calma que as envolvia bastava para nos satisfazer.

Redempção

Zelía Duncan

O vento zunia fazendo turbilhonar as folhas amarellas com que o outomno engalanára as arvores. Os galhos nús retorcidos faziam um mudo apello ao céo envolto num sudario negro.

A rua está deserta. Um vulto em furtivos passos penetra em um jardim, procurando occultar-se nas moitas que projectam sombras fantasticas no solo. Este vulto é de mulher. E' debil o seu aspecto, comprime os labios com o lenço abafando a tosse. Os seus gestos febris denotam ansiedade. Os olhos negros augmentados pela febre, fitam uma janella suavemente illuminada, e furtivamente caminha em sua direcção. Com a respiração offegante encosta o rosto nos vidros, esquadrinhando o interior. Como é convidativo, que contraste com a Natureza que geme e soluça como seu coração; e as lagrimas rolam pelas faces cavadas de Carmen. Todas as noites espreita, esperando uma opportunidade para vingar-se. Esta vingança seria o seu bem, porque hesitar? Que Heitor a abandonasse era talvez justo, mas tirar-lhe o fructo do seu amôr? Oh! como expiava duramente este passado!

Encosta-se á columna da varanda cerrando os olhos. Os cabellos cahiam em desalinho pela frente. Vivia o dia de hontem. Filha unica de uma viuva pobre e honesta, deixou-se levar pelo amôr de um homem. Como era bello o seu Heitor! Esta união durára dois annos levando ao tumulo a mãe ferida no seu amôr. No empolgamento da paixão procurou abafar o remorso que sentia. Nascera Jurema. Julgou-se perdoada e no desabrochar do carinho materno, sentiu mais do que comprehendeu o desgosto que fizera soffrer á honrada viuva. Heitor era terno amante e pae carinhoso. Mas a felicidade que creára era fragil demais para viver. A virtude é fina como a porcellana... e Heitor abandonou-a levando na sua ausenciá Jurema, e como despedida estas crueis palavras: "Esquece o passado, quero fazer de minha filha, uma creatura digna. Perdôa!"

Não póde chorar. As lagrimas que desafogam a alma suffocaram seu coração ultrajado. Jurou vingar-se, a filha pertencia-lhe. Acaso as dôres cruciantes da maternidade não lhe davam o direito de posse? Viveu minuto por minuto com a idéa tenaz de rehaver Jurema.

Um dia em que levava uma costura em casa de uns freguezes descobriu Heitor.

Occultou-se no portal de uma casa, observando-o bem. E todas as noites voltava quando as brumas envolviam a terra. Penetrava como ladra no jardim, esperando pacientemente uma opportunidade. O farfalhar das arvores despertou-a. Collou o rosto novamente nos vidros, procurando descobrir avidamente o seu thesouro.

Um rumor de vózes fel-a recuar. Uma joven encantadora conduzia uma creança pela mão. O seu coração angustiado conheceu a tortura do ciume que tenazmente apertava-o suffocando-o. Jurema, era a sua Jurema! E com carinho materno a jovem deita-a na caminha toda rosea. Os bracinhos torneados da creança rodeiam o alvo pescoço numa caricia profunda. Carmen não ouviu, mas pelo syllabar dos roseos labios comprehendeu que a chamava de mãe. O peso da sua cruz faz pender a negra cabeça. Mas um apaziguamento subito invade-lhe a alma — é melhor assim, será mais feliz...

Uma tosse convulsa tinge o lenço de sangue. A vóz rude do guarda interpella-a brutalmente: — O que faz ahi, vagabunda?

Com passos apressados quer fugir, não póde, perdeu os sentidos. Quando despertou, rodeavam-na rostos sympathicos. Estremeceu reconhecendo a *jovem*, e pallido, com os olhos brilhantes, Heitor contempla-a.

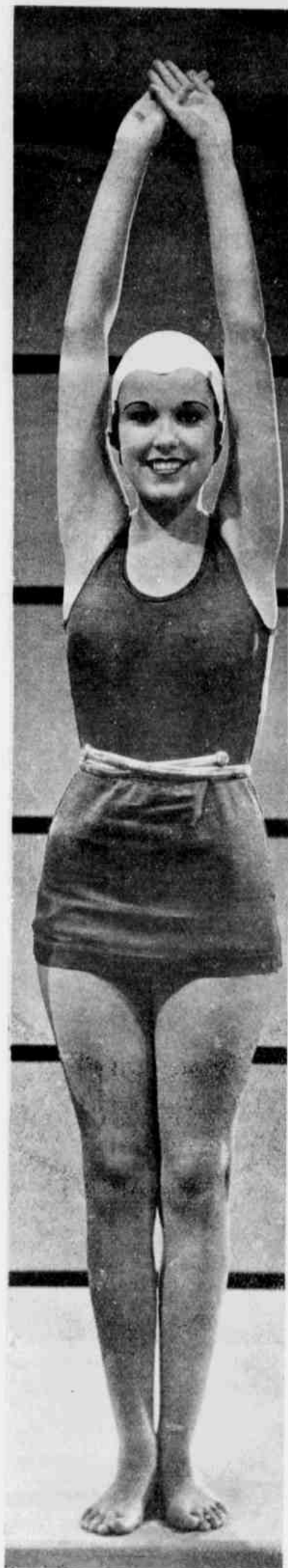
Afasta-se, voltando em breve com Jurema nos braços: — Beija a mão de tua mãe, minha filha.

Carmen quiz falar não póde. Seus labios tremeram, mas um olhar profundo, envolve o pae de sua filha. Heitor com a vóz embargada pelos soluços exclama: — Perdôa, Carmen. Parte em paz, que a nossa Jurema será feliz!

O guarda silenciosamente, enxugando as lagrimas, afasta-se dizendo: — E' quasi sempre na hora da morte que os homens aprendem a viver!...

Festa do Calouro da Faculdade de Direito

CINEMA

ESTELLE Taylor, em consequencia de um desastre de automovel, deslocou uma vertebra do pescoço e ficou sob imminente perigo de morte. Os medicos só viam uma solução: suspender Estelle pela cabeça, para que o peso do corpo dependurado distendesse o pescoço até a vertebra voltar ao logar. A prova era muitissimo dolorosa para Estelle e não podiam anesthesial-a, visto que só ella sentiria a volta da peça ossea ao logar. Estelle sujeitou-se á prova e foi dependurada durante quarenta minutos. Tão grande foi o seu soffrimento que varias vezes esteve em ponto de desmaiar. Quando, afinal, voltando a vertebra ao logar, a deitaram sobre a cama, mostrava-se exhausta mas estava fóra de perigo. Os medicos ficaram enthusiasmados com a sua resistencia e coragem. Louvaram o heroismo de Stelle Taylor, que soube salvar a sua propria vida com serena coragem. A ex-esposa do ex-campeão Jack Dempsey estava acostumada a soffrer. A dôr do pescoço foi pinto perto da dôr que o antigo marido lhe botou na alma sentimental...

ELISSA Landi, filha de uma condessa austriaca, educada exclusivamente por tutores particulares, autora de duas novellas de successo, foi uma sensação no palco e é agora uma das maiores artistas da tela. Nunca pensára em ser actriz e quando appareceu no palco na Inglaterra, foi em busca de material para uma peça, que na occasião escrevia, destinada a um theatro inglez. A carreira litteraria era a sua grande ambição. Mas no momento de maior actividade intellectual foi convidada a continuar no palco com papeis de mais responsabilidade. De um dia para o outro tornou-se a favorita de Londres. Elissa Land foi para os Estados Unidos, para representar o principal papel em *Farewell to Arms*. A sua actuação foi acclamada por todos os criticos de New-York. O velario se abriu 14 vezes. Um director da Fox estava na platéa e convidou-a para trabalhar em films. E ella seguiu para Hollywood. O seu primeiro film foi *Corpo e alma*, depois *Sempre adeus*, depois *Wicked*. O ultimo, *Passaporte amarello*.

Pequenas do film "O homem do outro mundo", que tem Charlotte Greenwood e Eddie Cantor nos papeis principaes

Cinema

LORETTA YOUNG

DORIS
KENYON

LORETTA YOUNG

Albertina Vitak da Metro

Raoul Walsh

RENÉ GUETTA

A primeira vez que vi Raoul Wash foi num jantar em casa de Gloria Swanson. Grande, alegre, hombros largos, pelle côr de bronze, cabellos crespos, olhos azues, azul pallido, azul celeste. Vestia paletot cinzento com foles e calças de flanella branca. Chegou sem cerimonias, sorridente, um sorriso de gorilla, balançando o vasto tronco de marujo.

Os mais poderosos entram no palacio de Gloria com certa timidez, mas Raoul fez um cumprimento de cabeça aos presentes e disse: "Gloria, mande servir o jantar o mais cedo possivel, devo estar no studio ás 9 horas. Obrigado."

Raoul Walsh adoptára o genero dos seus films, o rude. Pelo menos apparentemente. Naquella noite julguei-o assim. Sob as lampadas da sala de jantar, diante de uma assistencia horrorisada, elle descreveu, com singular colorido, quatro mortes na cadeira electrica e duas na forca, ás quaes assistira durante a semana.

— O senhor gosta dessas coisas? — perguntei-lhe.

— Adoro, respondeu-me, rindo.

Não sei si foi o termo muito forte ou a segurança do tom com que o pronunciou que me fez duvidar delle. Tive a impressão nitida de que estava junto de um desses timidos, de um desses sentimentaes que desdenham a timidez e a sentimentalidade. Não me enganava. Raoul Walsh é irlandez.

* * *

Estreou no cinema muito moço. O cinema estava ainda na infancia. Raoul Walsh era actor e, por causa do seu physico e do seu ar de *bouledogue*, fazia os papeis de vilão.

Mas quando conheceu bem o cinema e como tinha imaginação, decidiu se tornar *metteur-en-scène*. Fez bons e máos films. Em 1926 dirigiu, na Fox, *Ao Serviço da Gloria*, no qual o arrojo das scenas, a verdade das imagens e a descoberta de Victor Mac Laglen, deram-lhe grande exito.

Raoul Walsh recebeu propostas de toda parte. Inaugurára na America o genero de films *ousados*. Todo mundo o queria. Teve a felicidade de dirigir Gloria em *Fraqueza humana*. A Fox consentiu em emprestal-o á estrella e foi no jantar ao qual me referi que o grande director e a grande estrella se entenderam para elaborar os primeiros planos desse bello film. Depois do jantar, Raoul Walsh tirou do bolso papel para cigarros e fumo. Com uma só mão enrolou o cigarro. Acendeu-o e disse sorrindo:

— Boa noite para todos, vamos fazer grandes coisas.

Vi Raoul Walsh todos os dias durante quatro mezes. Assisti elle escrever os scenarios. Precisa apenas de uma dactylographa. As mãos para traz, caminha, de um lado para outro, e dicta. As idéas lhe veem á noite emquanto dorme, depois de jantar, á tarde... Mas, não conta nada, e tudo parece sair do seu cerebro com prodigiosa facilidade.

Quando acha um *gag* um pouco crú, ri e esfrega as mãos, feliz como uma criança. A sua simplicidade é confiante. Os detalhes da producção, as reflexões da censura não o attingem. Empurra os aborrecimentos com os seus hombros largos, a sua face vermelha, e tudo se aplaina.

* * *

Quando filma, fica serio, muito serio. Não gosta de esperar. O trabalho anda ligeiro. Eu o vi representar e dirigir ao mesmo tempo: Gloria supplicou-lhe para representar o papel de O' Hara em *Fraqueza humana*, e elle fez o actor e o director naturalmente. E' franco e não hesita em fazer uma estrella repetir uma scena falhada. Quando está nervoso, jura sem parar, estala os dedos uns contra os outros, dando a impressão de quebral-os. Toda a sua rudez exterior occulta o caracter timido, fraco talvez. Não gosta de vêr soffrer, é por isso que procura todas as occasiões para se approximar da dôr.

Raoul Walsh é esportivo. Nada, boxa, luta. E' casado com uma creatura encantadora que elle adora.

* * *

Ha tempos encontrei-me de novo com Raoul Walsh, em Paris. O rosto vermelho estava menos vermelho desde que perdêra um olho num accidente de automovel, quando filmava *In old Arizona*. Mas conserva-se alegre, confiante. Passára junto da morte como costumava passar sobre os aborrecimentos. Ao ver-me foi logo dizendo:

— O film falado é a mais maravilhosa invenção. Sinto-me tão á vontade com os meus dialogos como dantes com as minhas imagens mudas. *The Cock-Eyed world* bateu todos os records de receitas, na America. Depois desse foi que filmei *Hot for Paris*, menos importante, uma historia pittoresca na qual lancei uma franceza sensacional: Fifi d'Orsay. Vae dar-me a sua opinião sobre ella. Ha annos já que vegetava em Hollywood.

PEQUENAS NOTAS

O divorcio de Norma Talmadge e Josef Schenck, depois de nove annos de vida conjugal feliz e cinco annos de separação amigavel, tem despertado todas as attenções e provocado commentarios, os mais desencontrados, de toda a imprensa. Muito mais velho do que Norma, Schenck foi para ella um marido paternal e um habilissimo administrador dos seus haveres. A fortuna de ambos, mantida até hoje em estado de communhão de bens, chegou a ser uma das mais solidas e uma das mais vultosas na terra do cinema. Schenck diz que o motivo é a crise, pois não deseja que os bens de Norma continuem ligados aos delle atravez de momentos tão difficeis e sujeitos a serem attingidos por algum negocio máo.

O certo é que o divorcio é o mais amigavel possivel. Ambos fazem os maiores elogios um do outro...

CHARLES BICKFORD é talvez uma das personalidades mais originaes de Hollywood. Elle explica o facto de ter adquirido uma ilha nos mares do Sul, a 160 milhas da Australia, com as seguintes palavras:

—"Não preciso esconder: acima de tudo amo a vida ao ar livre. Desejava ter uma vida simples, dando aos elementos que a compõem os seus verdadeiros valores. Muitos amigos meus formam a meu respeito uma opinião erronea, dizem que sou genioso. Não sou. Luto exclusivamente para conseguir sempre o que seja real e melhor. Não amo o bem estar ficticio nem tão pouco a fantasia. Um dia, pretendo levar a minha familia para gosar umas ferias longas, na ilhasinha dos mares do Sul, longe da multidão, dos telephones, de tudo... Querer fugir de tudo não é uma desculpa, é o simples desejo de voltar á Natureza e viver de verdade."

O *Train Mongol*, film sovietico realisado por Tranberg, não foi considerado pelos criticos europeus uma obra caracteristica. Como *Cain et Arten*, passado com o titulo de *Géant rouge*, elle se approxima muito mais da maneira allemã. Mas o *Train de Mongol*, embora os cortes feitos pela censura européa, é um film impressionante. O desfile dos viajantes de 1.ª e de 2.ª classe, o inesperado detalhe sarcastico, tudo lhe dá força. Na 3.ª classe: enorme quantidade de condemnados vencidos, dolorosos. Mas, por traz das palpebras apenas entreabertas, o olhar parece intacto.

E' essa força em reserva que triumphará no combate final ao longo do trem. Combate que muitos acharam proximo de certos films americanos, mas que vae infinitamente mais longe, sob o ponto de vista tragico. A syncronisação allemã desse film é feita com muita intelligencia.

Mae Madison da First

CHALIAPINE

M. J.

ELLE entra, magnifico. Casaco de velludo verde, *lavallière* preta. Tsar em traje de civil.

Não resta duvida: o côro dos senhores feudaes vae cantar:

Gloria e longo reinado a Boris Féodorovitch.

Mas o Kremlin é na Avenida d'Eylau. Boris Godounov, da maneira mais cordial do mundo, me estende a mão. Ivan o Terrivel me sorri.

E Féodor Chaliapine se senta numa poltrona diante do divan em que estou.

O cantor e sua filha

O busto direito e firme, a mão, napoleonica, sobre o peito branco, elle possue a fronte forte e grave daquelles nos quaes mora o genio.

— Nasci ha muito tempo... Em 1873, no 1° de fevereiro russo, em Kasagne. Kasagne é uma antiga cidade tartara tomada por Ivan o Terrivel, que, ás vezes, incarno, em scena...

Algumas palavras de historia: *Ivan IV, que, por causa das suas crueldades, denominaram o Terrivel, tzar em 1547, tomou o paiz do Volga dos tartaros, que foram, por sua vez, submissos á dominação russa.*

— ... Quem sabe si elle não ficará contente quando eu o encontrar...

E sorrindo, accrescenta:

— Lá em baixo, ou lá em cima?... E' melhor no Paraiso. Os anjos, esses sêres que têm azas, me attraem...

A voz grave de Chaliapine é maravilhosa. Lentamente, Chaliapine escolhe as palavras, colloca-as, sorri mysteriosamente, medita...

Magnifico.

* * *

Um joven pintor termina o retrato do mais celebre cantor do mundo:

— Meu filho Boris.

Quasi immovel — exigencias do pintor, resignação divertida do modelo — Chaliapine, como uma estatua cujo coração bate, fala. Com bom humor.

— O theatro é uma blague... dizia o meu pae. Vale mais a pena ser porteiro. Tem-se garantido o pão e o copo de vinho. Um actor é...

— ... Preguiçoso, exclama Boris.

— ... Não, os actores aborrecem... como os porteiros.

Deixemos ao pae do illustre cantor a responsabilidade dessas palavras...

* * *

Féodor Chaliapine pensou em theatro muito moço.

Aos 12 annos passava os dias e as noites nos theatros. Procurou cantar, aborrecia todo mundo.

Quem poderia imaginar?

— Eu queria cantar *possivelmente*.

Era chronista em Oufa, no Oural. No Theatro Municipal, representavam operetas.

Chaliapine chronista de operetas!

Um dia — ha quarenta annos — teve, pela primeira vez, occasião de cantar um papel em opera. Depois vagabundeou atravez da Russia. Tiflis: encontro com o professor Ousatoff "ex-artista dos theatros imperiaes".

Encontro decisivo. Um excellente homem e um homem de gosto, Ousatoff. Junto delle, Chaliapine aprendeu. Primeiro contracto.

Foi então que Chaliapine ouviu o chefe de orchestra exclamar:

— Oh! que bella voz tem este rapaz!

E elle não sabia como falava acertadamente.

As grandes cidades applaudiram os papeis de Chaliapine: Moscou, depois Pétersburgo. Cantou para a familia imperial e uma platéa de grandes-duques.

— O meu *empresario* era Nicolau II, homem muito rico.

Em 1900 — tinha 27 annos — viagem para o estrangeiro, começando por Milão.

— Cantei em *Mephisto*, de Boito, com um joven que era uma maravlha: Enrico Caruso, que cantava Fausto.

E em seguida, Europa e America.

— Eu tenho um grande encanto por Paris, pelo publico francez. Elle me rejuvenesce. Sinto-me, em Paris, um *enfant gaté*.

Chaliapine está fatigado da America, onde a vida é uma "borrasca". Esteve em Milão, em Monte Carlo — *Don Quichote* de Massenet — percorreu a Suecia, a Allemanha.

Na Europa feliz resôa a sua voz.

* * *

O papel que prefere?

Todos, quando a musica é bella e os papeis são bellos. A musica russa está "mais perto do seu coração". Mas quando um musico é grande, que importa:

— Bach, não é russo e, entretanto, *penetrará até no couro dos cavallos...*

Silencio... Um nome o commove.

— Anna Pavlova? Conheci essa *criança* ainda estudante. Disse a um jornalista: "E' uma creatura notavel". Ella não era apenas artista. Era coroada pelos deuses.

Lembro-me de um recente telegramma de Bale: "*Noticiam o suicidio do artista dramatico russo Vickmersky. O morto deixou apenas estas palavras: Não tenho forças para sobreviver ao nosso cysne.*"

Chaliapine:

— Ella passou como uma bailarina que apenas toca na terra. Mas, para mim, as *estrellas* como Pavlova não se perdem. Brilham nos céos.

E o seu olhar se encheu de mysterio.

* * *

Os que elle conheceu?

— Durante 35 annos privei com todos que a epoca conteve de celebre.

Gloria, fortuna, admiração, amores lhe fazem escolta.

Na mocidade, conta elle, depois de ter penosamente escripto com tinta roxa, um trio que soava mal, desencorajado, traçou alguns versos humoristicos:

L'esprit plein de mon amourette,
Jeune, animé d'un cœur ardent,
J'ecris á l'élue que j'attends
Ces mots, á l'encre violette...
Mais le rêve fuit, pauvre amant,
Et — comme avant ma tendre histoire —
L'esprit plein de renoncement,
Je n'écris plus qu'á l'encre noire.

Ha muito tempo — aposto — que Chaliapine voltou á tinta roxa...

Lely Morel

Luis Martins

Muito melhor do que outras gentes mais velhas, de typos raciaes tradicionalmente definidos, os argentinos descobriram o rythmo de sua musica.

O tango veio das cidades, estylisado e dolente, evocar uma grande civilisação. A ranchera trouxe um pouco da alma dos pampas dos gaúchos valentes e sentimentaes.

Buenos Aires mandou para o Brasil uma "muchacha" linda para cantar o rythmo amargo de seus tangos e a vivacidade ingenua de suas rancheras.

Lely Morel veio cantar para o Brasil a musica de sua terra.

Seu destino amavel de mulher deu-lhe a voz que encanta, a figurinha graciosa e bonita, a fatalidade feliz de ser artista e de sentir-se artista.

A estação transmissora da Radio Mayrink Veiga leva o som saltitante e emocional de sua voz para o céo brasileiro, onde se vae enredar nos fios das antenas. Os discos enfeitam o silencio das nossas casas com a musica de suas canções.

Lely empresta á cidade o romance feito de suggestão das *calles* bonitas de Buenos Aires, onde ha muitos cabarets. Não sei porque, eu só comprehendo cabaret com tango e tango com cabaret... Ou então num apartamento alinhadissimo, onde os discos rodam na victrola para romantisar, com a dolencia dos sons, um amor modernissimo e delicioso...

O fado é a musica que esqueceu a alegria. O tango, pelo contrario, disfarça a sua immensa tristeza numa apparencia de bohemia um pouquinho canalha...

O artista que o interpreta deve ser completamente possuido de sua alma feita de seducção mórna, envolvente, colleante e malvada.

Que falta a Lely Morel para ser a interprete ideal da musica typica de sua terra? Ella é bem a "hija del tango":

"Tu andar es de tango milonga
tus ojos de tangos canciones,
tus caricias son bandoneones
y violines tu argentina voz
si te cabreias; son los acordes
del piano el que mejor te imita
y en el fondo de tu almita
hay sentidas melodias de un violin."

Deve ser isso mesmo, com um pouquinho de exagero. Mas é sempre agradavel exagerar deante de uma mulher bonita.

E em seu apartamento elegante, numa tarde clara, eu exagerei. Humanamente.

Ia saber coisas interessantes de sua vida para contar a vocês. Ia saber detalhes de seu passado, episodios de seu presente, pedacinhos de seu futuro. Ia saber seus gostos, seus affectos, suas predilecções, suas antipathias, suas brigas, o nome de seu costureiro, a marca de seu perfume, o preço de seus sapatos. Tudo isso para dizer a vocês. As entrevistas são feitas dessas indiscreções banaes.

Mas apenas conversámos. Aliás *conversámos* é um modo de dizer. Ella falou e eu escutei. Contou-me tantas coisas, que eu resolvi, afinal, não contar nada a vocês...

Contentem-se em saber que Porota é um excellente *goal-keeper*. Porota é a cadellinha de Lely. Pega uma bola de borracha com as duas patinhas da frente com a saderia de um jogador internacional.

O resto, para que dizer?

Imaginem.

Mas aviso: dentro de qualquer mulher, mesmo muito distante de nossos olhos e de nossos sentidos, móra uma sentimental nostalgica.

La Reina del Tango

Que lembra um passado agradavel, sempre mais agradavel do que o presente.

E quando essa mulher falla hespanhol, com uma voz que sabe cantar tangos, vocês comprehendem o meu egoismo de querer só para mim as coisas bonitas que ella me disse...

"Carnaval"
Haydéa Lopes Santiago

UMA NOTA HARMONIOSA DE BELLEZA

ANGYONE COSTA

Ao entrar na exposição que Manoel e Haydéa Santiago realizam, após seu regresso da Europa, onde o primeiro desfructou o premio de viagem do antigo salão official de Bellas-Artes, o que fere logo a retina é a clareza de tons e a procura de synthese, accentuadamente marcada nos dois laureados artistas.

Não ha mais nas suas telas a phobia do verde e das côres berrantes em que se apura a paleta de certos pintores ditos tropicaes. Os tons se cosem melhor. O desenho e a perspectiva se affirmam, fugindo á preoccupação do effeito. As côres estão conjugadas com um delicado sentimento interpretativo das paisagens, dos nús ou dos objectos pintados, estabelecendo um perfeito equilibrio no qual o artista pode considerar-se moderno sem chegar aos extremos dos vanguardistas surgidos da confusão cubista.

Manoel Santiago e Haydéa utilisaram suas viagens e prolongada estada em Paris na observação cuidada dos pintores de fama. Frequentaram *ateliers*. Foram a todas as exposições. Percorreram galerias. Deixaram-se tocar pelas correntes que se agitam como um rio tempestuoso, nas ruas e viellas de Montmartre e Montparnasse. Viram. Ouviram. Conversaram. O espirito da nova pintura tocou-os, mas elles sentiram que o artista não pode descer á imitação, que o artista deve saber guardar a sua personalidade. Ser moderno não é imitar Lhote, Foujita, Modigliani, Laurencin. Fazel-o, é não ser artista. Esta expressão deve cobrir áquelle que evolue e se integra na corrente do tempo, sem abrir mão do contingente pessoal, principal força creadora de toda obra de arte. Os grandes renovadores são os que criam uma

"Contemplação"
Manoel Santiago

maneira nova para instrumento de trans missão da sua sensibilidade. Nunca os que imitam, copiam, reproduzem o trabalho feito. Estes serão bons artifices. Jamais legitimos artistas.

Aquelles pintores que reagem contra o passado, defendendo o caracter de sua arte, acabam affirmando o prestigio de um nome. E' o que acontece com Manoel e Haydéa Santiago, ambos resolutamente lançados á conquista de uma arte pessoal.

Em Manoel Santiago nota-se uma audacia chocante com o artista aferrado a preconceitos, que ha cinco annos seguira para a Europa. Os seus nús são uma revelação da formidavel influencia que o meio exerceu sobre elle. Ha largueza de technica, desembaraço e horror ao preconceito, que inutilisa os timidos. São sobrios, revelando a preoccupação de fazer arte e não de fazer corpos bonitos, para a festa agradavel dos sentidos. Mas não são apenas os nús que marcam a exposição de Manoel Santiago. O sentimento que elle revela na pintura da paisagem, surprehende e arranca elogios aos nossos paisagistas de patente. A luz de certos dias gris da terra carioca não teve até agora melhor interprete, excepção do mestre Visconti.

A natureza-morta fascinou-o. Mas Haydéa igualou-o e, algumas vezes, excedeu-o. Haydéa veiu rehabilitar um genero que a excessiva operosidade de Pedro Alexandrino desacreditara. Seus quadros têm frescura. Têm côr. Conservam a belleza clara de fructos, flores e objectos domesticos, feitos para o carinho da nossa intimidade. O elogio não quer dizer que Haydéa Santiago tendo seguido para a Europa como pintora de composição haja voltado pintando chicaras e pratos, somente. Haydéa expõe nús, paisagens, pequenos estudos de interior, todos agradaveis pela maneira por que sua mão sabe tocal-os. E' uma pintora que reapparece em condições de igualdade ás nossas melhores pintoras. Regina Veiga, Olga Mary, Georgina de Albuquerque, têm de ora por diante competidora que respeitar. Afóra as naturezas mortas, onde se firma fortissima, seus quadros "Nú", "Visita", "Mercadinho cauterets", "Ponte sobre o Sena", "Hora do banho", "L'automne", justificam o logar-commum de uma citação especial, muito ao gosto operante dos criticos exemplares de nossos criticos de arte. Haydéa não vae ficar zangada com isto. Ella sabe que, mesmo sem a suporifera referencia nominal aos seus quadros, o seu trabalho é bom, vale como obra de arte.

Ella e Manoel Santiago offerecem um apreciavel exemplo de arte moderna, sem descer ao exaggero, nem copiar alguem.

Casamentos

Maria da Penha Rodrigues dos Santos
com
Adib Jabor

Senhora
Mario Quintanilha Braga
(Ignez Varani)

Ondina Oliveira
com
José Tiburcio de Oliveira

A ilusão americana

RUBEN GILL

NOS fins de 1903, dois fisicos francezes, Decaux, e Gaumont, criaram o cronofono, combinação do fonografo e do cinematografo.

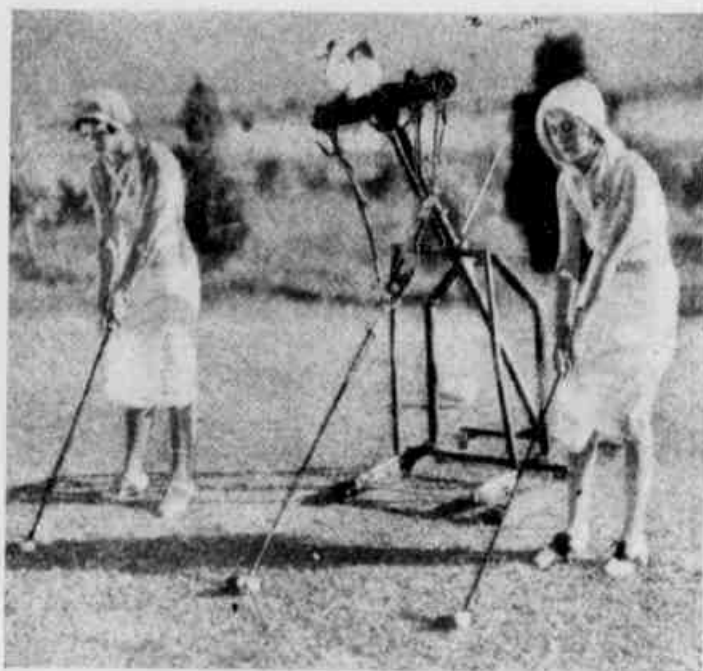
Em janeiro de 1904, Bilac previa em uma crónica o jornal cinematografico, jornal cinematografico falado, aliás.

Quando iam a completar trinta anos da descoberta do cronofono e da previsão de Bilac, os produtores americanos anunciaram ao mundo que iriam apresentar uma inovação definitiva na sua industria, e que contavam vir a aplical-a até aos jornaes de sua manufatura...

* * *

Por essas, e outras, é que Georges Bernard Shaw, indagado tantas vezes do que pensava da mentalidade americana, declarou que viria a admitil-a quando os yankes conseguissem eletrocutal-o á distancia!

Mão cheia

Eis como numa escola de "girls" o professor "trabalha" a extensão de pernas de uma joven discipula.

Duas americanas recebendo do "instructor mechanico" uma licção de golf.

Este monge placido não é um monge e sim G. Bernard Shaw depois do banho se seccando ao sol de inverno de Antibes.

UTILIDADE

Meus senhores, a mulher do meu visinho tocava piano. Tocava com um desses frenesis mysticos, desde que amanhecia até á noite.

Ora um dia ella foi mãe e a *caixa de musica* se fechou para sempre.

Esse exemplo, senhores, prova como as crianças pódem ser uteis á paz do mundo!

(De um discurso pronunciado num congresso de pericultura de Chicago...)

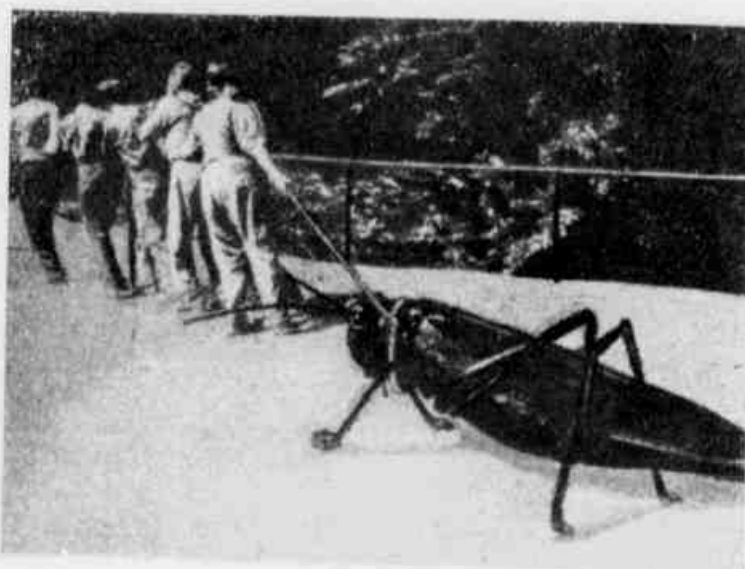
* *

PEQUENA HISTORIA

Era uma vez um campo viçoso e florido.

Nesse campo, havia uma vacca e uma abelha. Os dois animaes, que pareciam não se preoccupar um com o outro, faziam a refeição matinal numa atmosphera feita de paz e de felicidade.

Ora, acontece um dia a vacca engulir a abelha juntamente com o jantar. (Creiam que não houve nenhuma má intenção na cabeça do ruminante).

Argentina, a dansarina da nossa época. No seu rythmo não ha nada das dansas de hontem nem de outróra. Ella se move, ella sorri, e seus movimentos, divinisados, são os gestos das mulheres de hoje, e seu sorriso é o sorriso do nosso tempo. Deusa 1932.

A maior cigarra do mundo entrando no jardim zoologico de Berlim.

Chegando ao primeiro estomago da vacca, a abelha pensou em morrer de vergonha, depois de raiva; em seguida resolveu não morrer. Achou que devia se vingar. Mas como estava fatigada com a emoção da aventura, adormeceu docemente no primeiro estomago da vacca, transferindo para mais tarde, para a hora em que despertasse, a alegria deliciosa de dar uma picada selvagem e profunda na carne do gordo e ridiculo animal.

Mas a abelha, dormiu tanto e tão bem no calôr reconfortante do estomago, que quando despertou, horas depois... a vacca tinha partido!

* *

AS PITTORESCAS LEIS AMERICANAS

A secção feminina do *Board of education* de Boston fez votar uma lei nova que impede qualquer cidadão de Massachussetts de contractar mais de quatorze casamentos em toda a sua vida. Essa medida, energicamente restrictiva, deixou uma parte importante da população num grande abatimento.

*Mas sempre amanheceu como dorme, vasio,
o sapatinho que Papá Noel não viu,
por ser roto, por ser velho, por ser sujinho.*

Waldemar de Vasconcellos é um eximio rimador de quadras populares. E' pena que em *A visita das horas tardias* não tenha incluido, em maior numero, os versos que vivem na memoria e no cantar dos violeiros gaúchos.

*Não se deve á beira mar
erguer castelos de areia.
Sempre acaba por chorar
quem esperanças semeia.*

*Depois de longos exilios,
os meus olhos, finalmente,
á sombra absorta dos cilios,
descançam profundamente.*

*E' como flocos de néve
o meu amôr,
muito mais brando e mais leve
que o perfume de uma flôr.*

*O meu amôr é mais lindo
do que um idilio em surdina,
que a gente espia, sorrindo,
por detrás de uma cortina.*

Mas ao terminar estas ligeiras linhas oferecidas ao poeta da *A visita das horas tardias*, não posso escapar ao desejo de mostrar ao leitor a chave de ouro com que Waldemar de Vasconcellos fechou seu excelente livro de versos:

*Abelha, pelo favo em que trabalhas;
ourives, pela pedra que lapidas;
fonte que vens rolando nas descidas;
tu tambem, pela musica que espalhas;*

*vós todos, operarios dessas vidas
humildes, sem bigornas ou fornalhas,
longe das barricadas e metralhas,
na paz das vossas horas esquecidas,*

*— bem comprehendeis e amais o meu labor,
a canceira com que, vencendo a dor,
trabalho no meu proprio coração.*

*Belo, feliz e bom, quero faze-lo!
Assim, no ultimo olhar, pudesse eu ve-lo,
na hora em que Deus parar a minha mão...*

JOÃO FONTURA

PEDRO R. WAYNE — *Versos meninosos e a lua.*

Modestamente, Pedro R. Wayne pôz abaixo do titulo a palavra "Ensaios".

Na realidade, "Versos meninosos e a lua" é um livro que faz gosto á geração nova.

Numa terra onde se tem tanta pressa em publicar volume, a gente gósa de encontrar um livro assim, moderno, talentoso e bom mesmo.

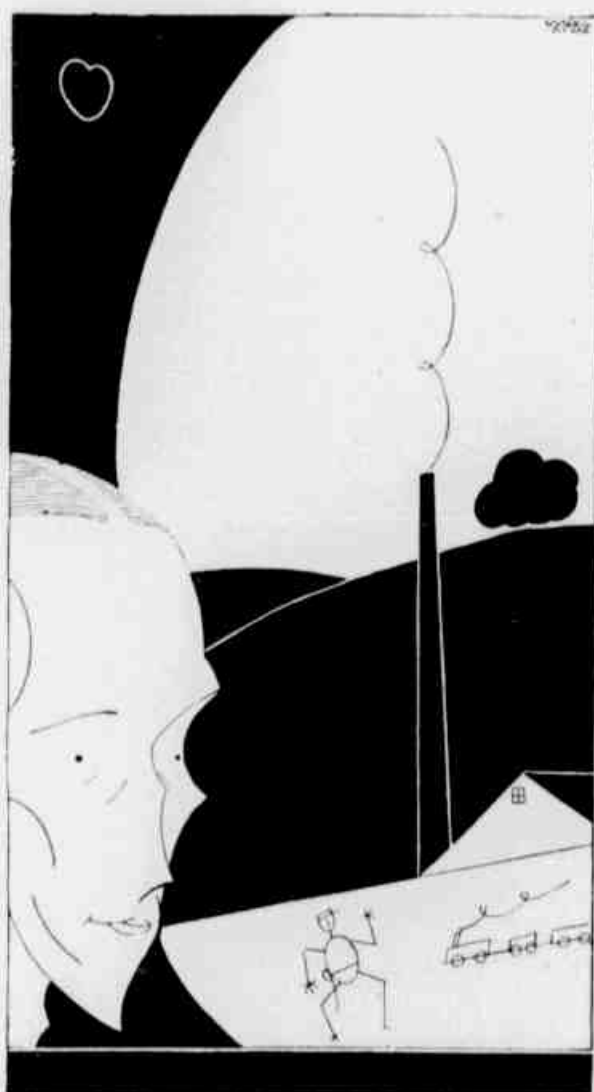
O Rio Grande do Sul parece que resolveu não dar apenas a grande geração politica do Brasil, que é a de hoje.

Está tambem produzindo uma collecção notavel de valores novos na literatura.

Pedro Wayne, de Bagé, é um delles.

Sua emoção, clara e simples, canta (canta?)

*"uma meninice risonha
pincelando a cabecinha loura com fiapos
[louros."*

*Osorio Cesar
que vae publicar um livro sensacional sobre a viagem que acaba de fazer á Russia*

Augusto Meyer

Desenho de Sotéro Cósme

Imagens novas, rythmo sem complicações, sem querer, commovem a gente como a simplicidade do "Diario de um quarto":

*"Sou um quarto sem affecto:
Um leito estreito e só
aranhas no tecto
e na alma pó!*

... ...

*Sou um quarto risonho:
Um leito de casal;
no ambiente um sonho
e um perfume sensual!*

... ...

*Sou um quarto na ventura immerso;
Junto a meu leito fulgura um berço!"*

Isso foi escolhido ao acaso, como dizem os senhores criticos quando têm preguiça de ler os livros.

Isto foi mesmo, mas por causa da pressa com que estou escrevendo.

Ha outros melhores, ou antes, ha outros differentes.

Mas ficava muito difficil transcrever o livro todo...

L. M.

BRASIL GERSON — *A vida acaba no meio.*

Brasil Gerson, depois de "Vinte annos de Circo", descobriu que "A vida acaba no meio". E fez um livro gostoso, que a gente lê de uma vez só, com toda a attenção em pé, á espera da immoralidade. Mas a immoralidade tambem acaba no meio.

Brasil Gerson é fino de mais para contar essas coisas. O livro segue num embalo bom, com avanços e recúos, em geito de tango. E' o tango bonito do começo desta estação. Passam por elle duas mulheres; uma parte para o Rio Grande do Sul, outra para a Europa. Ha uma pensão em Copacabana; um "bungalow" em Petropolis; um automovel verde; radios; pyjamas notaveis; um senhor que foi deputado, é pela Constituinte, ama furiosamente; e senhoras que foram do amor e ainda não estão bem aposentadas. Ha outras coisas, outras pessoas. Tudo sentido e contado por Brasil Gerson, displicentemente, como deante de um "cock-tail", com um cigarro na bocca. Optimo!

A...

CARLOS XAVIER PAES BARRETO — *Questões de limites.*

E' uma interessante monographia do autor do esplendido livro *Feriados no Brasil*, que, do ponto de vista chronologico, é o melhor tratado sobre a nossa historia.

Carlos Xavier é uma das mais proeminentes figuras da intellectualidade brasileira. Historiador já consagrado, jurista de notavel merito e polygrapho de conhecimentos invulgares, o eminente Presidente do Tribunal leitoral do Espirito Santo sabe sempre ornar os seus estudos com linguagem castiça e estylo de qualidades raras.

Assim é que, embora versando um assumpto, por natureza, arido como é, sem duvida, esse das questões de limites interestaduaes, fez comtudo uma exposição de grande interesse e de palpitante actualidade. E' uma contribuição indispensavel a quem se interessa por taes questões.

Joaquim Ribeiro.

O homem elegante

Duque

A casaca

De todos os trajos masculinos, a casaca, sendo o mais bonito, é o mais difficil de bem vestir-se, pois não admitte meios termos, ou é chic, ou é ridicula e por isso, requer muito cuidado na sua escolha e na maneira de vestil-a.

Trajo elegante e solemne de todos os tempos, ella tem atravessado todas as modas soffrendo modificações, porém sem ceder seu logar, como o numero um na vestimenta masculina.

Antes da guerra, na Europa, ninguem de bom gosto sahia á noite para o theatro, concerto, jantar ou baile, sem vestir casaca e se esse habito se relaxou, como era natural, durante a guerra, após a mesma, a casaca voltou a ser o trajo favorito da gente chic.

A moda da casaca, varia na forma dos hombros, na largura das golas, altura da cintura, comprimento das abas e valor dos angulos das frentes.

A moda actual, dá á casaca a fórma seguinte:

Hombros largos, angulosos, frentes largas, em angulos pouco agudos, cintura normal, abas longas, um ou dois centimetros abaixo da curva da perna, terminando quasi em ponta, botões de massa brilhante, sendo seis na casaca e quatro em cada manga.

Calça direita, com pregas na cintura e bandas largas de seda brilhante.

Collete de fustão branco, com traspasso em duas pontas pequenas e gola redonda.

E' este o modelo de casaca actualmente adoptado pelos grandes alfaiates de Paris, Londres e Nova York.

Com a casaca a camisa é sempre de peito duro liso, variando apenas em numero de botões, a gravata é branca, de fustão fino ou cambraia; a meia de seda preta e o sapato de verniz.

O chapéo é alto, de tecido mate, sendo tambem tolerada a cartola.

Usam-se actualmente para as casacas, os tecidos de fantasia.

Casaca modelo, creação da "A Capital", Avenida, canto de Ouvidor, cuja importante alfaitaria é dirigida pelo habil contra-mestre Januario Basilio.

MODAS

Um dos grandes furores do momento consiste nas guarnições de metal. Ao lado dos botões apparece uma quantidade enorme de agrafes, de anneis, de fivellas e de clips articulados. Estes com uma base fixa, apresentam o lado superior, o unico visivel, numa variedade infinita de fórmas. O effeito dos reflexos brilhantes e frios do metal polido sobre as lãs foscas é tão bello que a moda teve logo grande aceitação. Todos os cintos, terminados por uma fivella de metal, que lembra a guarnição do vestido, realisando assim para cada modelo uma unidade de decoração, são de couro.

O tricot á mão gosa tambem de consideravel successo, e a moda arranja para elle, todos os dias, novos empregos. A ultima novidade é empregal-o como ornamento, em palas, fichus, golas, gravatas, e até mesmo toda a parte superior dos corpos. Um dos maiores successos das novas collecções foi um modelo de Chantal em drap preto. O paletot tres quartos fechado junto do pescoço por uma tira de crochet, de quatro dedos de largura, que forma gola e se amarra na frente num laço amplo. Tiras semelhantes guarnecem a saia e as mangas. Blusa em crépe Bisman verde claro. A moda nesta estação é joven, feminina, cheia de detalhes que corrigem a possivel severidade das linhas. A' simplicidade dos vestidos matinaes e destinados á tarde, ella oppõe o encanto e a leveza das guarnições feitas em linon transparente e em organdy: flores, golas e punhos franzidos, pregueados, com fios tirados e até em fórma de rôlo.

As guimpes tambem encontram no momento bastantes adeptas e aqui damos alguns modelos dos mais interessantes: vestido em marrocain de lã preta, guimpe de crépe setim branco, cinto de couro com fivella de metal; saia de lã beije, collete em camurça marron, guimpe em linon guarnecida no peito e nos punhos com quadradinhos de fios tirados, cinto de camurça beije, botões de metal; vestido em fina lã verde, guimpe em linon com pequeninos pois em relevo, dois botões de metal; lã beije com filetes marrons, guimpe em organdy; para a hora do chá: fina lã azul rei guimpe em organdy, botões de metal.

"A mocidade e como o Lotus:
floresce apenas uma vez."
KOHOUT.
VALE A PENA
PENSAR
A mocidade é uma só — e esta mesmo pode ser abreviada pelos estragos da saude. Defender a saude é prolongar a propria mocidade, é dar ao corpo uma graça duradoura que resiste até a velhice.
A fonte perenne de conservação para o sexo feminino é
A Saude da Mulher.
Favorece as Mocinhas,
porque normalisa o apparecimento das regras, tonificando o Utero e os Ovarios nessa edade perigosa em que taes orgãos, ainda fracos, são facilmente attingidos por grandes perturbações.
Favorece as Senhoras,
porque as conserva jovens, preservando-as de soffrimentos que as fazem envelhecer mais depressa, taes como Flores-Brancas, Faltas de Regras, Regras Demasiadas, Regras Dolorosas.
Favorece as Senhoras mais edosas,
porque combate todos os males da Edade Critica, principalmente o Rheumatismo e as Colicas Uterinas.

"GOURMETTES"

O *Cercle des Gourmettes* é uma associação de senhoras da sociedade parisiense, quasi todas esposas de membros do *Club des Cent*, club gastronomico famoso.

O *Cercle des Gourmettes* é presidido por Madame Ettlinger, vice-presidido por Madame Lucien Gaudin, e tem uma superintendente de Bellas-Artes, Madame Raoul Heide, que se occupa da parte artistica das recepções do *Cercle*.

Quando pensamos nas reuniões dessas academicas do bem-comer, é que comprehendemos como Brillat-Savarin tinha razão proclamando qeu um regimen de coisas finas e bem feitas é um verdadeiro talisman de mocidade, que dá "aos olhos mais brilho, á pele mais frescura, aos musculos mais resistencia". Brillat garantia que uma mulher que sabe comer é dez annos mais moça do que aquella que desconhece essa sciencia.

Uma gastronomia bem desenvolvida fará concurrencia aos institutos de belleza. O encanto e a attração estão estreitamente ligados á arte de se alimentar com coisas finas e succulentas. Assim como o uso do vinho põe no caracter graça, coragem, franqueza, o habito de uma alimentação escolhida fortalece a carne e cria uma euphoria favoravel ao desenvolvimento dos dons do coração e da intelligencia.

E' bastante passar algumas horas no collegio de *Gourmettes* para sentir a que ponto todas essas allegações são verdadeiras. Os maridos das *Gourmettes* mostram-se sempre felizes, contentes de viver. O ministro dos gastronomos francezes Gaston-Gérard declarou: "Não ha divorcio nas casas em que a mulher fiscalisa attentamente a sua cosinheira", e não sei qual philosopho accrescentou: "Prendem-se os homens pelo coração, mas é pelo estomago que se pódem guardal-os."

As *Gourmettes* não são egoistas. Si offerecem entre ellas, todos os mezes, finos jantares, recompensam os bons cosinheiros, encorajam os bons restaurantes, offerecem endereços de casas que vendem productos excellentes por preços razoaveis, e organisam de vez em quando, um jantar ou um almoço magnifico para o qual convidam todos os amigos.

COISAS LIDAS

PEÇA NOVA DE ACHARD

A ultima peça de Marcel Achard, *Domino*, encontrou na *Comédie des Champs-Elysées*, o seu verdadeiro theatro. Essa peça fôra escripta para uma scena de *boulevard* onde seria representada em fórma encantadora mas lhe teria faltado qualquer coisa.

No theatro de Jouvet, com aquella *troupe* admiravel pelo talento, a dedicação e a intelligencia, Marcel Achard está em sua casa. Existe nesse theatro um tom de uma qualidade tão rara que bem se póde dizer que é unico em Paris. Bem sei que dizer isto se tornou logar commum, mas é impossivel evital-o.

E para representar *Domino* é indispensavel esse *tom* pois uma representação menos intelligente, menos subtil, menos *acharde*, arriscaria valorisar apenas o lado *bouffon* da comedia que é excellente, mas não é tudo. Ha em *Dominio* um *vaudeville* bem urdido, com situações quasi de farça, e uma comedia de *theatro* que poderiam disfarçar o outro aspecto da peça, isto é, a poesia dos sentimentos que é o verdeiro prazer secreto do autor. Misturar essas duas formulas dramaticas parece muito simples, mas é porque já ouvimos muitas peças de Marcel Achard.

Valentine Tessier faz o unico papel feminino, o de *Lorette;* Louis Jouvet, o de *Domino;* Pierre Renoir, o de marido. Devalde e Chevalier, como estreantes nesse theatro, no meio dessa *troupe* perfeita e solida, estiveram bem todos dois.

EXPOSIÇÃO EM ROMA

Roma no seculo XIX é o titulo de uma vasta exposição inaugurada ultimamente no Palacio dos Museus de Roma, onde occupa umas cincoenta salas. No anno passado uma identica nos mostrou a Roma do seculo XVII. Todos os grandes paizes europeus tomaram parte na sua organização. Nella não está representada apenas a arte romana do ultimo seculo, mas tambem e sobretudo a historia, a vida social, os costumes, e todos os grandes hospedes e os amigos da Roma de mil oitocentos estão presentes em retratos ou em lembranças que se prendem á estadia na cidade eterna.

A SETIMA REPUBLICA

A versão franceza desse livro de Boris Pilniak, feita por Matvéev e Morhange, é a primeira que vê a luz do dia, pois o texto original ainda não foi editado em Moscou.

O Tadjikstan é a setima das republicas sovieticas. No quadro federativo da união, essa immensa extensão de terra, de rochedos, de areia, constituia a herança menos invejavel do tsarismo; a extrema miseria vivia lá junto com a fome, a secca, o cholera, a peste. A população completamente analphabeta e vagabunda conservava os costumes e as crenças millenares, vegetava á parte da civilisação, petrificada na selvageria, na immundicie, no meio dos seus mythos.

Quando Pilniak chegou á Tadjikstan, parece que esses costumes estavam ainda sufficientemente vivos, pois, são elles os primeiros, que mais o feriram. Porém á medida que Pilniak avançava na viagem, o contraste se accusava entre o que acabava de deixar e aquella barbaria primitiva. Numa terra ainda virgem, o socialismo se enraizava; no meio de costumes millenares, elle levava com as suas escolas, seus dispensarios, seus hospitaes, suas cidades desabrochadas como champignons, suas usinas, suas granjas communisadas, todos os aspectos da alma moderna, e lá talvez, mais do que em qualquer outro logar, elle encontrava, para o auxiliar, uma mocidade cançada de soffrer e que estava prompta para se enrolar na nova bandeira.

A setima Republica conta essa formidavel conquista.

DEPURATIVO

SALSA, CAROBA E MANACÁ

Do celebre pharmaceutico chimico E. M. HOLLANDA, preparado no laboratorio da Lugolina. A SALSA, CAROBA E MANACA', do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e gosa de grande reputação.

E' o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, boubaticas e escrophulosas e provenientes da impureza do sangue.

Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios.

O REI DOS DEPURATIVOS

NENHUM O IGUALOU AINDA

Representantes nas Republicas Argentina, Oriental, Chile, Paraguay, Perú, Bolivia, etc.

PREÇO: — 4$000

KOHOUT NEW YORK

Quando nossos Antepassados caçaram os Mamutes...

A natureza, mãe piedosa e pura, como a denominou o poeta, é mera imagem litteraria A natureza, ao contrario, é madrasta. É aspera. É brutal. Só o forte a subjuga e a applaca. E os que não a vencem são vencidos por ella.

O homem pre-historico combatia-a sósinho, servido apenas pelo seu vigor physico, que se robustecia na lucta.

O homem moderno vence-a com as armas poderosas do seu engenho mecanico. A vida organica do homem moderno, porém, - no manejo facil de seus apparelhos ou no exercicio da intelligencia - pouco ou quasi nada solicita da actividade muscular. Por isto o organismo do homem moderno necessita de um agente tonico exterior que o estimule e o retempere, substituindo para o corpo - conservado physiologicamente invariavel atravez das edades, - a fonte de vigor que era a acção para um antigo caçador de mamute.

E o agente tonico, por excellencia, é o Nutrion, o melhor fortificante conhecido, que combate o fastio, retempera os musculos e dá equilibrio ao systhema nervoso.